

'Conselhos' de amigos são os mais absurdos

Oferecer água à criança no vasilhame usado por um canário ou na casca de um ovo por sete sextas-feiras. Esta foi uma das simpatias para "curar" distúrbio de fala na criança oferecidas a Tânia Solange Infante, mãe de Tadeu, de 3,5 anos. O garotinho enrolava a língua para falar. "Sugeriram pegar um pintinho recém-nascido e esperar pelo primeiro piado; depois colocar o animal na boca da criança e esperar por três piados", relata Tânia. Ela ouviu de parentes e vizinhos palpites como "menino demora mais a falar do que menina". Ou, "se ele nasceu de 7 meses só vai falar aos 5 anos".

Gerente financeira de uma construtora, Tânia finalmente decidiu romper o muro de resistências de familiares e procurou um fonoaudiólogo. Seis meses depois, o menino já fala palavras para expressar o que deseja: água, macarrão etc. "Ele não forma as frases, mas já progrediu muito", constata. A hipótese do pediatra e do neurologista consultados é que Tadeu sofreu as seqüelas da desnutrição durante a gravidez da mãe biológica. Quando Tânia engravidou e nasceu Lucas, 2,5 anos, que falou com pouco mais de um ano, os problemas aumentaram. "Ele via o irmão falando e ficava nervoso, se jogava no chão", lembra Tânia.

No caso de Murilo, 9 anos, o problema teve origem em problemas ortodônticos. O garoto nasceu com a mandíbula saltada e não conseguia fechar a boca. "Ele trocava as letras e confundia a pronúncia", diz a mãe Maria Regina Sales Paschoal. Assíduo em consultórios de fonoaudiólogos desde os 5 anos, o garoto já fecha a boca e obtém resultados positivos em provas de ditado na escola. O trabalho envolve também o ortodontista e as professoras. "Ele percebe se está escrevendo errado e se corrige", diz a mãe.